

**Grupo de trabalho para o Colóquio de Convergência
Junho 2021
Bordas, Fronteiras, Segregação
AprèsCoup Asociación Psicoanalítica de Nueva York
Asociación de Psicoanálisis de Cheng Du
Cercle Freudienne de Paris
Escuela Freudiana de Buenos Aires
Escuela de Psicoanálisis Sigmund Freud- Rosario
Grupo Grita de México**

Como dizíamos na convocatória, a noção de borda nos parece apta para representar a função do sujeito que interessa à Psicanálise, sujeito estruturalmente dividido pela linguagem. Com efeito, o sujeito se aloja no lugar do intervalo significante e do “entre dois”, dividido entre a verdade e o saber, deslizando-se no litoral constituído pelo saber e o gozo.

É interessante destacar que a psicanálise mantém uma proximidade com a *poiesis* na medida em que a palavra aporta uma variedade de interpretações, metáforas e sem sentidos. Entre eles há fronteiras, margens e paisagens. A linguagem e, mais precisamente *lalangue*, carrega incidências de gozos que se armam no dizer entre a letra e o significante.

O espaço que habita o sujeito pela sua dependência da linguagem não é um espaço geométrico, que supõe uma fronteira fixa entre o dentro e o fora, entre interior e exterior, senão um espaço topológico moebiano, cuja superfície de uma só face coloca em continuidade um lado e seu avesso. Ainda assim, a relação do sujeito com o gozo revela um espaço caracterizado pela “extimidade”, onde o más íntimo e interior pode transformar-se no mais estranho e exterior.

A estrutura do *parlêtre* concerne ao fato [à existência] do dizer, a uma dit-mension, de acordo com o neologismo inventado por Lacan, que condensa dito e mansão [casa, morada]. Desta maneira Lacan ilustra o lugar e o espaço do dizer, onde o sujeito subsiste enlaçado às três dimensiones R.S.I. (Seminário, RSI, aula 3).

A letra, instância que Lacan propôs como razão do inconsciente – como por exemplo as letras da fórmula da trimetilamina do sonho freudiano da Injeção de Irma – nos permite pontuar que a borda, litoral, está sempre em movimento, em flutuação entre saber e gozo. Entre inconsciente e real. A letra é o que insiste, o que se repete retornando nas produções do inconsciente, e sobretudo no sintoma, onde sustenta uma função de gozo.

Lacan distingue a letra do significante. A letra e o escrito estão no real, enquanto que o significante está no simbólico” (Sem. XVIII). Gozo, significante e letra enraízam na experiência da análise. Em *Lituraterre*, Lacan joga com o equívoco entre carta e letra (*lettre-lettre*), mas diferencia a letra do significante que a carrega.

Como no texto do conto “A carta roubada”, de Edgar Allan Poe, a função significante da carta é a de sustentar a mensagem mediante os rodeios que a sua circulação produz e cujos efeitos as

distintas personagens do conto padecem. Esta função significante tem como destinatário o Outro, cuja presença estabelece o efeito retroativo mediante o qual um sujeito recebe sua própria mensagem de forma invertida. Em contrapartida, em sua face real, a função da letra está sustentada pela letra/carta em sua materialidade de objeto, independentemente da mensagem que porta, quer dizer, como dirá Lacan “*sem nenhum recurso a seu conteúdo*” (*Lituraterra*). Com efeito, o conto ilustra esta separação, posto que a mensagem que a carta leva, seu conteúdo é constantemente escamoteado.

A letra implica tachamento, litura. Nesse sentido a letra bordeja um furo no saber aí onde o sentido se detém, e toca o sem sentido. A borda do furo no saber é justamente o que a letra delinea, aspirando a satisfazê-la de gozo. E é esse gozo que reclama que esse litoral advenha literal, habitando a quem fala. (*Lituraterra*). Por isso, a letra como barramento da marca produz um deslocamento estrutural, que impede que o sujeito se fixe a um sentido, a uma origem, sem por isso deixar de produzir as marcas que orientarão ao sujeito em seu desejo e seu gozo. A letra se enlaça também à função do escrito, como mostram as diferenças na ortografia, produzindo os equívocos e os deslizamentos que se tornam fecundos para produzir novas leituras.

Gozo, significante e letra se enraízam na experiência da análise. A fronteira se distingue do litoral já que seus efeitos na clínica diferem. A clínica psicanalítica põe de manifesto que a letra não é fronteira. Se a letra fosse equivalente à fronteira, seria um signo a serviço e em função de cristalizar uma posição subjetiva.

O significante e sua combinatória se assentam no traço unário que, por sua vez, é suporte da identificação. Quando o traço unário se cristaliza em uma identidade corre o risco de converter-se no fundamento do racismo e da segregação.

Em sua conferência “Notas sobre o pai” no congresso de Strasbourg, em 12 de outubro de 1968, Lacan é contundente quando assinala que “*Nós cremos que o universalismo, a comunicação de nossa civilização homogênea as relaciones entre os homens. Eu penso que, ao contrário, o que caracteriza nosso século, e não podemos não nos dar conta disso, é uma segregação ramificada, reforçada, que se recorta em todos os níveis, que não faz senão multiplicar as barreiras.*” A exaltação das pequenas diferenças nutre os processos de identificação que tentam sublinhar a outridade do outro: o que se considera diferente, é perseguido e destruído. A segregação comanda um aparato de gozo, onde o gozo do outro se torna insuportável. Em certos casos, a incidência fantasmática e a iminência intolerável do gozo do Outro, podem facilitar a emergência do rechaço, *verwerfung*, da diferença; seu efeito conduz, em ocasiões, à passagem al ato, no qual se nega e, ao mesmo tempo, se mata ao semelhante agora entendido como outro – como o demonstra a “solução final”.

Os campos de concentração foram os exemplos mais radicais desta atitude. É absolutamente necessário distinguir os campos de concentração de outras formas de detenção: a diferença dos campos de concentração segue sendo inevitável e fundamental, já que o propósito principal e último da subjugação não foi o confinamento senão a morte. Entretanto, se o campo define o

espaço criado quando “*o estado de exceção se torna a regra*” tal como o define Agamben, os campos hoje não escasseiam, como os campos de refugiados e os dos que buscam asilo, onde a brecha entre o lugar de nascimento e a nação é revelada em toda sua radicalidade.

A criação dos campos como estados de exceção jurídica, força a criação de comarcas de segregação dentro de um estado, “fronteiras internas”, que estabelecem todo tipo de perseguições baseadas no que Freud qualificou como o narcisismo das pequenas diferenças. Uma exclusão dentro da inclusão que estabelece uma *extimidade* estrutural. O deambular de milhões de pessoas a quem chamamos migrantes – nem sequer emigrantes ou imigrantes posto que não o são – é muito mais do que um deslocamento no sentido comum do termo. Frequentemente os migrantes se vêm confrontados a uma eleição de vida ou morte. Lutam por não perder sua condição de humanidade.

A indeterminação da lei na qual os direitos do homem se vêm violentados multiplicou-se na vida moderna. Esta reprodução de “estados de exceção” – espaços vazios de lei – na atualidade, também chega a produzir crescentes setores populacionais sob condições de *nuda vita*. Achille Mbembe, através da análise da necropolítica, situa estas práticas que produzem a morte por meio da sistematização da violência enlaçando-as ao racismo. Vemos nítido exemplo destes dispositivos necropolíticos nas implacáveis políticas migratórias de “tolerância zero” nas recentes medidas imigratórias do governo Trump, que levaram à construção de uma fronteira física entre México e Estados Unidos. Esta fronteira foi acompanhada pela criação de campos de detenção para imigrantes nos Estados Unidos, onde crianças foram separadas de seus pais sem que lhes atribuíssem nenhum sinal que permitisse identificá-las e, posteriormente, e reuni-las com suas famílias.

A criação de um muro como fronteira, como limite que não pode ser cruzado (usada comumente para distinguir estados) introduz a ilusão de uma separação entre dois domínios postulados como diferentes. Neste sentido a instituição de uma fronteira depende de um discurso simbólico, de pactos e de um acordo (por exemplo, entre nações); ainda que como todo pacto e delimitação simbólica e imaginária, está marcada por uma instabilidade e uma fragilidade essenciais que podem facilmente virar conflito e guerra por disputas territoriais.

Freud e Lacan nos propõem que o estrangeiro, *fremde*, está instituído na estrutura, na operação de negação constituinte que situa aquilo que do exterior passa ao interior, deixando um resto inassimilável. Os gozos – em especial quando se trata da angústia, situada no campo do gozo do Outro – aparecem com seu efeito real, marca do real em qualidade de *fremde*, *Umheimlich*: o sinistro, o ominoso. O semelhante, o familiar se torna não familiar, estranho como consequência do efeito do real no imaginário. O visível e diferente se torna sinistro. É assim como entendemos o *Ding* como isolado na origem do sujeito, em sua experiência do *Nebemensch*, é de natureza estrangeira. O outro, desde a corda [nó] imaginária passa a ser um rival ao que se deve arrasar ou segregar.

Agora bem, que tem em comum a prática do psicanalista com a do arquiteto? Ambos trabalham, como o ceramista, ao redor de um vazio. Vazio constituinte não somente para a prática de um ofício ou profissão, senão fundamentalmente para a constituição do *parlêtre*. Isso permite encontrar-nos com os neologismos que Lacan cria: ex-timo, extimidade.

Lacan se interessou pelo taoísmo. Utiliza uma metáfora acerca do vazio e do ser, o ser como contrário do vazio. *“Ao partir de uma articulação, apreensão significativa, a significação é secundária, isso pulula entre dois significantes um frente ao outro, isso faz pequenas significações”* (...) São modos de mostrar o valor estruturante do vazio, furo sem o qual não haveria nenhuma possibilidade de escrever, fazer letras do brilho, e do oco que nos habita.

No que concerne à relação entre o Tao e as coisas do mundo (o natural, a sociedade, o corpo humano) Laozi utiliza a metáfora: 水利万物而不争 » : « a água ajuda a todas as coisas sem estar em competição com elas » A água beneficia todas as coisas, as faz avançar, mas não está em competição com elas. Ela está animada ao mesmo tempo pela ação e pelo vazio, o que os taoístas chamam « 无为之为 », « o não-vazio do vazio ». A função da água em Tao To King é a de engendrar todas as coisas, participando de seu desenvolvimento. A água sempre corre, não tem bordas nem fronteiras, mesmo quando seu volume seja sempre limitado.

Esta representação evoca a função do litoral tal como a destaca Lacan, ao situar diferentes domínios enlaçados topologicamente: a água e as coisas, o saber e o gozo, a linguagem e o corpo. Se as marcas do real se enlaçam e parasitam a língua produzindo novos sulcos, significantes e efeitos de transmissão, a passagem da falta constituinte que habita o sujeito produz transmissão de uma política, a política do sintoma e do não-todo; posta à prova na diferença fecunda que carrega o próximo.

O feminino que dá lugar ao hétero relança a variedade do desejo, a diferença e o não-todo. Esse é o valor que porta o discurso da psicanálise.